

# Povos Indígenas no Brasil

Fonte Jornal do Brasil Class.: 31  
 Data 29 de julho de 1984 Pg.: \_\_\_\_\_

## “Pó-da-china ainda” é ameaça para o lago de Tucuruí

Dentro de dois meses, nasce o lago de Tucuruí — 243 mil hectares. E até agora a Eletronorte ainda não encontrou os barris de pó-da-china, o poderoso veneno usado pela Agropecuária Capemi para facilitar o desmatamento da área. A Eletronorte levanta a suspeita: a Capemi sabe onde estão os estoques, mas está querendo retardar a operação da usina, para ver se consegue retirar mais alguma madeira. Os ecologistas e deputados paraenses estão querendo embargar a operação até que se saiba direito os danos que o pó-da-china e o próprio lago podem criar. Enquanto isso, 136 índios do Posto Paracanã, no município de Jacundá, vão preparando a mudança: a reserva deles será inundada pelo lago e a Funai ainda não sabe para onde eles irão. Outro grupo paracanã, de 76 índios, vive no Posto Marudjewara, entre Itupiranga e Marabá, fora da área do lago. E ainda existem grupos arredios em Bom Jesus. Os 212 paracanãs, que vivem nas reservas, são espectadores atônitos das coisas que não param de acontecer naquele pedaço do planeta, desde que foram contatados em 1970, antes que a região explodisse: Transamazônica, Guerrilha do Araguaia, Serra Pelada...



Capemi quer retardar o lago para continuar tirando madeira que cortou e não removeu

## Eletronorte acha que Capemi esconde veneno

Tucuruí, PA — A dois meses do fechamento do reservatório da usina de Tucuruí, a Eletronorte não tem nenhuma segurança quanto à existência, quantidade e localização dos barris de poderosos herbicidas à base de pó-da-china, na área do futuro lago. O veneno deve estar abandonado em diversos pontos da floresta que cobre parcialmente o lago e a Capemi, que até há alguns meses era a única responsável pelo seu manuseio, ainda não apontou os locais onde o material foi estocado.

Esta é a situação relatada pela direção da Eletronorte, que continua a vasculhar a região do reservatório, em busca dos latões do produto. Decidiu a não alterar o cronograma da obra — a 22 de novembro próximo, a hidrelétrica entra em operação — seja qual for o resultado da operação pente-fino, a concessionária elétrica, segundo seu presidente, Douglas Souza Cruz, pretende adotar medidas jurídicas contra a Capemi, somente depois do enchimento do lago, caso as águas venham a ser contaminadas pelo veneno que eventualmente não seja descoberto nessa varredura.

A posição dos administradores da massa falida, não revelando a localização dos estoques de veneno, vem sendo interpretada pela direção da Eletronorte como uma possível manobra para retardar a operação da usina, com o que ganhariam tempo para retirar madeira e equipamentos do local.

### Muitas incógnitas

Ao ser escolhida pelo IBDF (Instituto Brasileiro de Desenvolvimento Florestal) para explorar e desmatar a floresta do lago de Tucuruí, a Capemi optou por empregar produtos químicos à base de pentaclorofenil, conhecido como pó-da-china. O material era inoculado na seiva das castanheiras, para matá-las antes do corte, pois, se essas árvores fossem derrubadas naturalmente, o peso da folhagem faria lascas o tronco. Além disso, serviria também para conservar a madeira que ficaria estocada por meses, antes de ser exportada.

Com o fracasso do projeto de desmatamento da Capemi e feitas denúncias públicas sobre o abandono desse material na área do futuro lago, a Eletronorte procurou informações junto ao IBDF e a Capemi, relata o coordenador-geral da concessionária, Armando Ribeiro de Araújo. Por ofício, o instituto informou desconhecer o uso de produtos tóxicos na área, mas mesmo assim autorizava a Eletronorte a retirar do local os tambores que eventualmente encontrasse.

Ao mesmo tempo, a Eletronorte procurou antigos colaboradores da Capemi, como o engenheiro florestal Pedro Martorano, que afirmou ter sido aplicado apenas o

produto Tordon nas castanheiras e não o pentaclorofenil. Contudo, na sede da Capemi em Tucuruí, fora da área a ser inundada e em outro pátio da empresa, 6 quilômetros a jusante da barragem, a Eletronorte encontrou depósitos desses produtos.

Na segunda semana de julho, outro indício foi detectado pela técnica da SEMA (Secretaria Especial do Meio-Ambiente) Suelly San Martinho, que acompanha a operação de busca. Ela relatou e a Eletronorte confirmou a descoberta de 16 barris com capacidade para 200 litros, que apesar de vazios continham restos de fungicidas e cupinicidas, contendo pó-da-china em sua composição.

Apesar de todos os esforços na busca dos estoques do veneno, ainda persistem muitas incógnitas. A primeira delas diz respeito à quantidade do material largado na floresta, que poderia ser estimado em 16 toneladas, segundo revelação feita pelo próprio síndico da massa falida da Capemi, o Deputado Carlos Alberto de Carli. Solicitado pela concessionária, via telex, a apontar os locais onde estariam estocados esses tonéis, até agora a Eletronorte não recebeu resposta ou sequer teve acusado o recebimento desse pedido, informou Armando Ribeiro.

A princípio, a Eletronorte está hesitante quanto a novas formas de pressão sobre o síndico da Capemi, ou mesmo quanto a seus ex-administradores, para conseguir informações mais objetivas. O próprio presidente da concessionária explica que “nosso Departamento Jurídico ainda não recomendou nenhuma ação contra de Carli”, acrescentando que isto poderia acontecer até o fechamento do lago.

### Reclamação

Armando Ribeiro de Araújo observa que “Os Cr\$ 70 milhões, no mínimo, que iremos gastar na varredura do local, poderiam ser poupados se o deputado revelasse onde estão os latões”. A direção da Eletronorte evita apresentar explicitamente as

razões desse comportamento dos responsáveis pela massa falida, embora o coordenador geral da concessionária admita a hipótese de que esse posicionamento vem sendo adotado pela Capemi para conseguir um protelamento da inauguração da hidrelétrica, de forma a ganhar tempo para retirar mais madeira estocada na área do lago ou mesmo retirar suas máquinas e tratores abandonados na região.

O episódio tem incógnitas apresentadas pela própria Eletronave. Até junho, a empresa já havia feito duas vistorias superficiais pelos 200 pátios da Capemi na área do reservatório, sem ter encontrado nada de pó-da-china, achando apenas alguns barris vazios de óleo lubrificante. Ao decidir pela operação final, do tipo pente-fino, passou telex ao Governo do Pará, convidando-o para a busca. “Justamente essa administração estadual, de onde partem tantas críticas e acusações contra nós, não mandou nenhum representante para ajudar e acompanhar a varredura”. Por que, eu não sei — lamenta Armando Ribeiro.

A Eletronorte afirma que todos os produtos existentes na sede da Capemi, em Tucuruí, são de inteira responsabilidade da massa falida. Sua atuação se restringirá apenas aos produtos que vierem a ser encontrados na área de inundação e, assim mesmo, de acordo com o coordenador-geral, ela não analisará o conteúdo de nenhum barril que retirar do local.

A malograda experiência da Capemi — que obrigou a Eletronorte a intervir no desmatamento de forma improvisada, para “abrir” o máximo possível da floresta do lago — resultou na derrubada de somente 35 mil hectares. Cerca de 140 mil hectares ficarão submersos pelas águas, gerando um problema ecológico, com muitos efeitos ainda desconhecidos pelos especialistas que estudam a questão.

### História trágica

A maior expectativa, para alguns técnicos da Eletronorte, está nas reações químicas Tucuruí/PA — Fernando Pereira



Capemi deixou abandonados tambores de óleo e outros restos

provocadas com o alongamento do material orgânico da floresta. A única — e trágica — experiência conhecida refere-se à usina de Brocopongo, construída pelo Suriname, em plena floresta amazônica, na primeira metade da década de 70. Ali, no primeiro mês de fechamento de barragem, a água represada passou a exalar um forte mau cheiro e, meses mais tarde, o oxigênio desapareceu da água, dizimando a fauna e acabando com a vida do reservatório. Um outro fenômeno leva à formação espontânea de ácido na água, que corrói as turbinas.

A Eletronorte afasta a repetição do fenômeno, com base em estudos que encomendou ao INPA — (Instituto Nacional de Pesquisas da Amazônia). O trabalho não recomendou o desmatamento total, por ser dispendioso e provocador de erosão e assoreamento. Mais prejudicial, de acordo com o estudo, é a degradação das folhas e galhos tenros que ficarão submersos.

Em duas experiências feitas no igarapé Cagancho e no lago Vermelho — dois pequenos reservatórios hoje existentes na área do lago — parte de amostras da vegetação foi simplesmente submersa e parte foi soterrada no leito das águas.

Decorridos mais de 20 meses o material simplesmente submerso se degradou, mas o material orgânico soterrado não se decomps. Com base nessas experiências, o coordenador-geral da Eletronorte assegura que, em Tucuruí, esse problema será equacionado, pois o rio Tocantins carrega 200 mil toneladas de terra do ano, que irão sepultar a massa verde no fundo do leito, bloqueando seu nível de apodrecimento.

“O importante nesse processo é que a renovação das águas do lago de Tucuruí se dá em 45 dias, evitando os problemas de degradação orgânica, que começam depois de 12 meses em que a água fica retida. Em Brocopongo o reservatório só é trocado em 11 anos”, acrescenta.

Para dar esse parecer, Armando Ribeiro baseou-se também num relatório intitulado “Qualidade da Água em Projetos Hidrelétricos”, do especialista Camilo Garzou, do Banco Mundial. Mas observou que “ninguém num mundo científico conhece exatamente a fonte causadora de problema dessa ordem”. Com base nessa documentação de pesquisas encomendadas pela empresa, o dirigente da Eletronorte rebate a origem das críticas feitas por ecologistas e técnicos, afirmando que “essa comunidade científica que nos ataca, nunca fez pesquisa no local. Mas afinal, o sex-appeal dos cientistas é ter opinião própria”.

ENEAS MACEDO FILHO

## Tempos modernos cercam os índios paracanãs

Ninguém se arrisca a sair do lugar. Os sertanistas sabem que na mata, atrás dos índios desarmados e nus que cercam o acampamento, há outros, com arcos e flechas, esperando.

— Ezuri! Ezuri! (Venham! Venham!)  
 Os índios, cerca de 50, de pele muito clara, ouvem ainda um pouco desconfiados. Os sertanistas insistem, gritando em tupi. Devagar um grupo se movimenta em direção ao acampamento. De repente disparam, e partem para o “saque”, apanhando os presentes e tudo mais no acampamento.

Correm de novo para a mata, levando tudo o que podem pegar e voltam para levar o que resta na palhoça aberta dos lados, feita pelos sertanistas: mantimentos, roupas, medicamentos, redes, facões... Não ficam contentes: pedem as bermudas de alguns dos homens e o chefe, demonstrando extremo bom gosto, pára na frente de uma jovem norte-americana, vidrada: o olhar fixo nos cabelos louros; pega-os, larga e corre para o mato por alguns instantes, volta com um jabuti na mão.

Ele quer trocá-la pelo jabuti? É um presente?

Jacqueline Ruff, antropóloga formada em Harvard, estava de férias em Belém (trabalhava entre os quichuas peruanos) quando surgiu a oportunidade de ir na frente de atração dos paracanãs, a primeira tribo a ser contatada na rota da Transamazônica, que ia ser aberta. Os paracanãs viviam espalhados em vários grupos em alguns pontos da área que vai desaparecer com o lago de Tucuruí.

No mesmo grupo estavam sua irmã

Andréa, uma universitária, e seu pai, Arthur Ruff, gerente da U. S. Steel em Belém, navegador de bordo dos B-24 da Segunda Guerra — lábios grossos, rosto redondo, mão de lenhador. Foi ele que emprestou o helicóptero para a ida ao acampamento. Apaixonado pela antropologia e pela arqueologia, Arthur Ruff queria saber que índios eram aqueles na vizinhança da Serra dos Carajás, onde a gigante do aço americana descobriu em 1967 a maior reserva de minério de ferro do mundo.

Mr. Ruff já conhecia bem os xicrins, há muito contatados, que viviam no sopé da serra, onde a U. S. Steel, sob o nome de Meridional de Mineração, associada à Vale do Rio Doce, estava implantando o projeto.

Lendas e mistérios: desde o começo do século os paracanãs surgiam na mata, saqueavam e fugiam. Em 1938 sofreram uma epidemia de sarampo e procuraram os brancos; em 1953 foram vistos pelos homens do Serviço de Proteção aos Índios, mas logo voltaram à antiga desconfiança dos não-índios. Falava-se que eram brancos.

Outra lenda: a Transamazônica era acusada de servir ao transporte de minério de firmas como a U. S. Steel, que após depois abandonou o projeto. O trabalho já estava adiantado quando a estrada foi anunciada, em maio de 1970. E era estudada a construção de uma estrada de ferro de 800 quilômetros para levar o minério ao litoral. A serra pululava: viviam ali uns 600 brasileiros, fora os dez americanos da cúpula. Não se chegava por terra na serra, que tinha três

aviões grandes, um monomotor e três helicópteros, um com turbina.

Foi um desses helicópteros — tipo executivo — que o grupo pegou em Tucuruí, na época um simples povoado, dispensando o teco-teco que o trouxe de Belém. Dali para a frente, só de helicóptero. A Funai mandou uma mensagem, no noticiário das sete da noite anterior da Rádio Clube de Belém, pedindo que os sertanistas abrissem uma clareira e fizessem fumaça no acampamento.

O grupo — de oito pessoas — foi então dividido em duas levadas. O piloto era um ex-oficial da Marinha, Celso Pinheiro. Lá embaixo, o dorso do Tocantins (2640 quilômetros) espelhando ao meio dia, mata cerrada. Conversa no ar: não seria mesmo tolice construir estradas nesse emaranhado de rios, que se entrelaçam ligando todas as cidades importantes da região através de verdadeiras estradas líquidas?

A fumaça, uns 20 minutos depois. Um 15 pessoas esperavam no acampamento. Era para ficar apenas um dia, tentar o contato e voltar. Mas o helicóptero não quis levantar vôo — pane na turbina. Dois homens foram pedir socorro, uma viagem de um dia a pé pela selva.

O assunto, enquanto isso: no dia 30 de novembro a frente, chefiada por João Carvalho, andando doze horas por dia, encontrou os índios na própria aldeia. Foram cercados pelos índios, de flechas em riste. Mas os sertanistas trataram de por os presentes no chão. Depois ficaram vendo os índios dançar num pé só, envolvendo o ombro do companheiro com um braço e

batendo com a outra mão nas nádegas. Ai pediram que os brancos fossem embora, prometendo procurá-los.

Vinte e três dias depois:

— Ezuri! Ezuri!

Surgem de repente, pelas nove e meia da manhã. Gritam um pouco antes de entrar, escondidos no mato. Vencida a indecisão, lá vem eles de cabeça rapada. Pulam, gritam, correm, se espalhando no acampamento. O encontro é totalmente amistoso, emocionante: eles tocam nos brancos, puxam a mão, pulam, os brancos pulam com eles. Para na frente do helicóptero: “a arara grande”.

O chefe fica deslumbrado com a loura Jacqueline. João Evangelista sente que precisa fazer algo. Pega um belo facão e entrega ao chefe, que imediatamente esmeca Jacqueline e corre para o mato.

Foram uns quinze minutos inesquecíveis. Festejou-se o resto do dia e pela noite. João Carvalho botou no diário: “Tivemos uma dormida “colossal” — as palhas se amontoavam debaixo de nós, e faltou a base de fogo (cobertor). É véspera de Natal e não temos o que comer...”

O socorro chegou de manhã. O outro helicóptero — gigante — deixou alguns mantimentos para os sertanistas, pegou toda a turma e ainda levou pendurado o helicóptero que pregou.

No Natal em Belém, uma certa tristeza: todo o grupo sabia que, nas coisas que levaram dos brancos estava o perigo invisível — os vírus.

PALMÉRIO DÓRIA